

Dinheiro mais curto

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

Uma região cheia de contrastes, onde o rendimento dos mais ricos supera em 27 vezes o dos mais pobres. Mas com a riqueza de toda a população em decadência desde 1997. De lá para cá, a renda familiar do brasiliense caiu, em média, 40% e a per capita 30%. A boa notícia é que a elite econômica hoje se espalha por vários bairros, o que contribui para o desenvolvimento das regiões; as cidades surgidas de loteamentos se consolidam; e os bens de consumo, como celulares, estão presentes até nas favelas.

Assim é o novo Distrito Federal, revelado na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Pdad) — Rumo aos 50. O trabalho, divulgado ontem pela Secretaria de Planejamento e Coordenação, apresenta um novo perfil socioeconômico da gente nascida ou residente na área urbana do DF. A partir de entrevistas com moradores e levantamento de dados de consumidores de energia elétrica (quase 100% da população), o governo local obteve informações sobre 21.132 domicílios das 26 regiões administrativas (RAs). A maior favela local, o Itapuã, também foi incluída pela primeira vez em estudo oficial.

“O trabalho é para alimentar o GDF no planejamento local e no desenho das políticas públicas urbanas”, explicou o secretário de Planejamento, Ricardo Penna. “Vamos embasar os investimentos em dados concretos.” Pesquisadores da secretaria e da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) trabalharam por seis meses, para tentar identificar quem são os brasilienses, como vivem, quanto ganham e onde trabalham.

Desigualdade

O resultado é um mosaico curioso e desigual. “O DF é a síntese do Brasil. Tem áreas de muita riqueza e de extrema pobreza”, avaliou a vice-governadora do DF, Maria de Lourdes Abadia. Uma das novidades refere-se à renda. Em 1997, quando a Codeplan realizou o último levantamento sobre o tema, o ganho mensal médio do brasiliense era de 3,61 salários mínimos. Hoje, está em 2,40.

Realidade que empurrou parte da população para áreas mais periféricas do DF e cidades do Entorno. Foi o que ocorreu com o casal de empresários Juliane Gomes Almeida, 27 anos, e Júlio César de Sampaio, 29. Desde 1992, eles tinham uma fábrica de persiana no Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA) e, há quatro anos, moravam no Sudoeste. Em novembro do ano passado, decidiram transferir a empresa e o lar para Luziânia (GO). O motivo: dificuldade econômica.

“Não sei nem calcular quanto economizei na casa, mas, com a fábrica, poupe R\$ 4,8 mil só em conta de luz”, exemplifica Juliane. A conta com o Imposto Territorial e Predial Urbano (ITPU) variava entre R\$ 2 mil e R\$ 3 mil em Brasília. “No Entorno, somos isentos. Contamos com uma série de incentivos fiscais e nos livraremos de taxas de limpeza urbana e de ocupação de área pública. Voltamos a ser uma empresa competitiva”, diz Juliane.

Edilson Rodrigues/CB

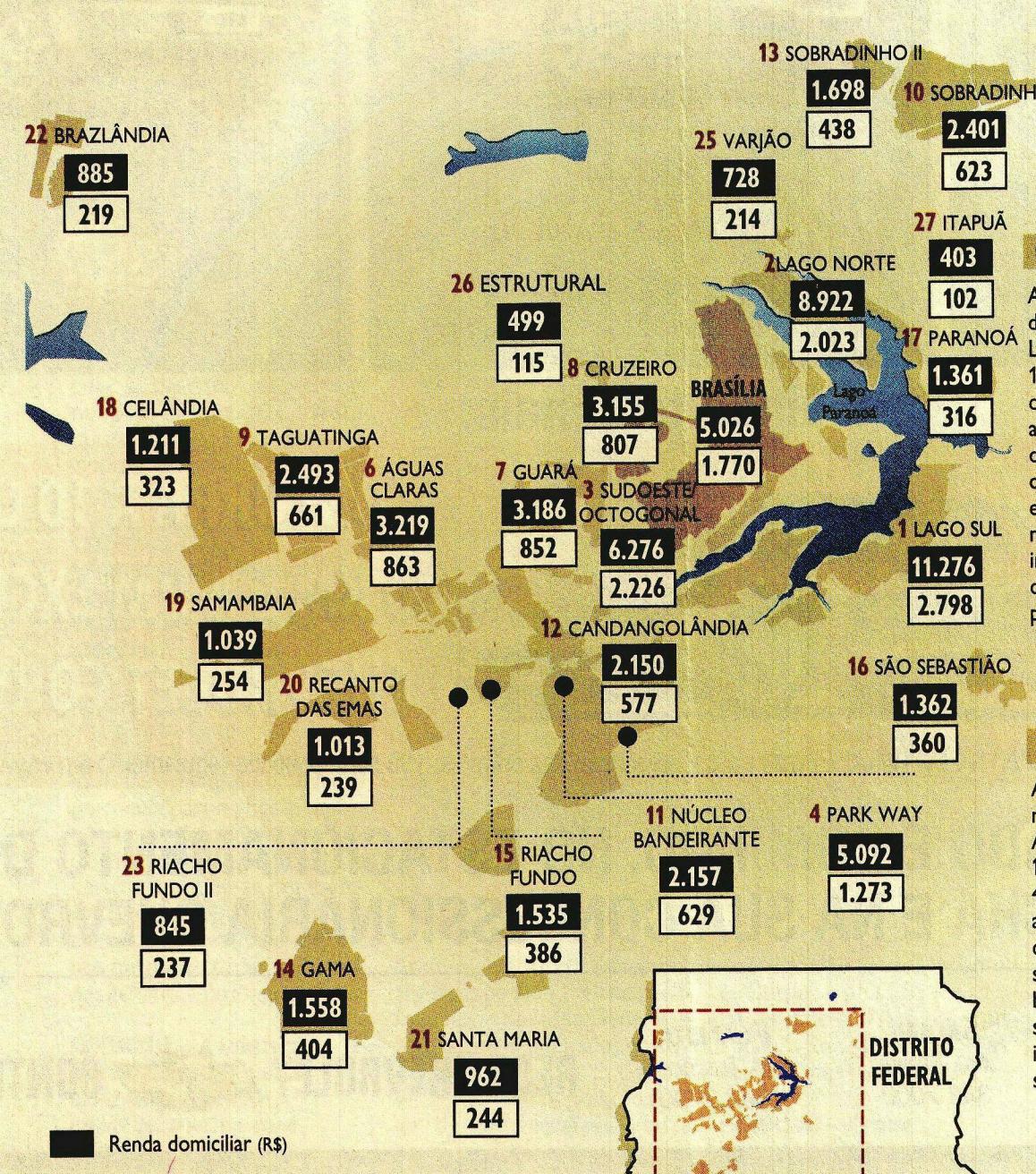


MUDANÇA

COM PROBLEMAS FINANCEIROS, JÚLIO E JULIANE DECIDIRAM TRANSFERIR A EMPRESA DO SIA PARA LUZIÂNIA: CASAL TAMBÉM TROCOU O SUDOESTE, ONDE MORAVA HÁ QUATRO ANOS, PELA CIDADE GOIANA

OS MELHORES E OS PIORES LUGARES PARA VIVER

As rendas domiciliar média de R\$ 2.332 e per capita de R\$ 625 ajudam a fazer do Distrito Federal um ótimo lugar para se viver. Mas há cidades com rendas mensais muito superiores e inferiores, como mostra o mapa abaixo



O mais rico

As mais altas rendas (per capita e domiciliar) estão concentradas no Lago Sul. Os 6.057 domicílios da 16ª Região Administrativa do DF contam com 100% de asfalto, abastecimento de água e coleta de lixo. A iluminação pública chega a 98,5% das residências e a rede de esgoto a 95%. Há microcomputadores, com internet, em mais de 80% dos lares. São três celulares por residência.

O mais pobre

A menor concentração de renda no DF está na invasão do Itapuã. A maior favela local conta com 11.739 barracos e mais de 45 mil habitantes. Há 86,3% de abastecimento de água e 63,7% de coleta de lixo. Mas o asfalto só chega à porta de 0,2% dos barracos e o esgotamento sanitário a 10,9%. Computadores, internet e telefones celulares são artigos de luxo na invasão.

Um espelho de todo o Brasil

Para o sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes, o novo retrato do Distrito Federal é a cara do Brasil. “Podemos observar um microcosmo do Brasil na capital federal. Não precisamos ir ao Nordeste para estudar a extrema pobreza”, explica o coordenador da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

Em pesquisa realizada por cinco anos sobre hábitos e características dos moradores do DF, o sociólogo verificou a saída dos habitantes das áreas mais nobres para a periferia. “O preço dos aluguéis e imóveis à venda em Brasília têm expulsos os jovens da capital para regiões mais periféricas. É um fenômeno parecido com o que houve em Paris (França) e Manhattan (EUA).”

Brasilmar também comentou a mudança do fluxo migratório no DF. A pesquisa indica que, há nove anos, os recém-chegados ao DF concentravam-se em áreas mais pobres, como Estralural e Varjão. Localidades que reúnem o maior índice de pessoas com baixa escolaridade. Quem chegou há menos de cinco anos, instalou-se no Sudoeste, Núcleo Bandeirante e Plano Piloto — lugares com maior oferta de imóveis para aluguel.

Para o sociólogo, a mudança é conjuntural. “Os recém-chegados têm emprego garantido e dinheiro para o aluguel. Quem vai para a periferia veio atrás de uma vida melhor, mas sem nada certo.”

(ANA HELENA PAIXÃO E DARSE JÚNIOR)

Arte: Joelson Miranda